

cadernos

IHU

ideias

Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais

Bruno Pucci



ano 10 • nº 172 • 2012 • ISSN 1679-0316

Os *Cadernos IHU ideias* apresentam artigos produzidos pelos convidados-palestrantes dos eventos promovidos pelo IHU. A diversidade dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é um dado a ser destacado nesta publicação, além de seu caráter científico e de agradável leitura.

cadernos **IHU** ideias

**Theodor Adorno e a
frieza burguesa em tempos
de tecnologias digitais**

Bruno Pucci

ano 10 • nº 172 • 2012 • ISSN 1679-0316

 UNISINOS

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS 

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor

Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Vice-reitor

José Ivo Follmann, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor

Inácio Neutzling, SJ

Gerente administrativo

Jacinto Aloisio Schneider

Cadernos IHU ideias

Ano 10 – Nº 172 – 2012

ISSN: 1679-0316

Editor

Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

Conselho editorial

Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta – Unisinos

Prof. MS Gilberto Antônio Faggion – Unisinos

Dr. Marcelo Leandro dos Santos – Unisinos

Profa. Dra. Marilene Maia – Unisinos

Dra. Susana Rocca – Unisinos

Conselho científico

Prof. Dr. Adriano Naves de Brito – Unisinos – Doutor em Filosofia

Profa. Dra. Angélica Massuquetti – Unisinos – Doutora em Desenvolvimento,
Agricultura e Sociedade

Prof. Dr. Antônio Flávio Pierucci – USP – Livre-docente em Sociologia

Profa. Dra. Berenice Corsetti – Unisinos – Doutora em Educação

Prof. Dr. Gentil Corazza – UFRGS – Doutor em Economia

Profa. Dra. Stela Nazareth Meneghel – UERGS – Doutora em Medicina

Profa. Dra. Suzana Kilpp – Unisinos – Doutora em Comunicação

Responsável técnico

Marcelo Leandro dos Santos

Revisão

Isaque Gomes Correa

Editoração

Rafael Tarcísio Forneck

Impressão

Impressos Portão

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Instituto Humanitas Unisinos – IHU

Av. Unisinos, 950, 93022-000 São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.35908223 – Fax: 51.35908467

www.ihu.unisinos.br

THEODOR ADORNO E A FRIEZA BURGUESA EM TEMPOS DE TECNOLOGIAS DIGITAIS

Bruno Pucci

*Entendo por barbárie algo muito simples, ou seja,
que estando na civilização do mais alto
desenvolvimento tecnológico,
as pessoas se encontrem atrasadas
de um modo particularmente
disforme em relação a sua própria civilização, [...]
por se encontrarem tomadas por uma
agressividade primitiva,
um ódio primitivo [...],
um impulso de destruição [...].*
(Theodor Adorno, *A Educação contra a Barbárie*)

*Se os homens não fossem [...]
profundamente indiferentes ao que acontece
com todos os demais [...]
então Auschwitz não teria sido possível.*
(Theodor Adorno, *Educação após Auschwitz*)

1 Introdução

Os dois trechos referidos acima e que constituem a epígrafe deste texto, proferidos no final dos anos 1970 por Adorno, continuam, para nossa tristeza, mais do que nunca atuais, em tempos de globalização. O primeiro, definindo a barbárie contemporânea pelo descompasso entre o avanço vertiginoso das tecnologias e o atraso abissal dos homens – plugados por essas mesmas tecnologias – que se agridem mutuamente, que se destroem primitivamente. Os meios de comunicação de massas, em alta definição e em tempo real, nos violentam todas as noites com informações detalhadas sobre barbáries de todos os tipos, de todas as classes sociais, de todas as cores. Já o trecho segundo nos fere ainda mais pela sua sutileza, afirmando que os atos bárbaros, não só os que povoam o cotidiano de ódio, de conflitos, mas até Auschwitz, o holocausto, o genocídio, são

resultantes da indiferença, da frieza, em relação ao outro. Ou seja, não só o ato agressivo em si gera barbárie, mas também o não se envolver, o não olhar de lado, o “não estar nem aí”.

O objetivo desta minha intervenção é observar a partir dos escritos de Theodor Adorno, particularmente de sua *Dialética negativa*, como o pensador analisa o fenômeno da anti-intersubjetividade dominante nas relações entre os homens e como sua análise se faz contemporânea da civilização tecnológica digital. Vou caminhar por fragmentos:

2 A *ratio* idealista e a necessidade de expandir-se continuamente como exigência de sobrevivência

No aforismo “Sistema antinômico”, da *Dialética negativa*, Adorno (2009, p. 31) afirma:

A antinomia da totalidade e da infinitude – pois o incansável *ad infinitum* explode o sistema que repousa em si e que, porém, não deve a sua origem senão à infinitude – é uma antinomia da essência capitalista. Ela reproduz uma antinomia central da sociedade burguesa. Essa também precisa, para conservar-se a si mesma, para permanecer idêntica a si mesma, para “ser”, expandir-se continuamente, prosseguir, lançar sempre para mais além os limites, não respeitar nenhum deles, não permanecer igual a si mesma.

A *ratio* idealista, que, para Adorno, é uma projeção conceitual da sociedade capitalista, vive essa tensão entre o conservar-se a si mesma e, ao mesmo tempo, lançar-se continuamente para além de si própria. E na busca obstinada de sua identidade, no zelo paranoico de não tolerar nada senão o que se transforma em sua imagem e semelhança, tende a eliminar o heterogêneo, o diferente, o divergente, o não-eu, o outro. Para progredir é preciso fortalecer a ordem; é preciso se identificar e identificar é igualar todo e qualquer desigual. Nessa perspectiva, a “identidade é a forma originária da ideologia. Goza-se dela como adequação à coisa aí reprimida; a adequação sempre foi também submissão às metas de dominação” (idem, *ibidem*, p. 129). O assumir as ideias e os valores da classe dominante como as diretrizes de toda a sociedade; a concordância universal em tudo e de todos; o conformismo integral dos que querem se integrar à sociedade de mercado e de consumo; o deixar-se conduzir pelos ditames da indústria cultural... são os mandamentos prioritários da *ratio* burguesa, com maior intensidade, ainda, em tempos de tecnologias digitais. Mas a *ratio* não é apenas συναγωγή, reunião, síntese, ascensão dos fenômenos dispersos em direção a seu conceito genérico; ela exige também a capacidade de diferenciação; sem essa capacidade a função sintética do pensamento não se processaria, pois “reu-

nir o igual significa necessariamente distingui-lo do desigual” (ibidem, p. 44). Daí o paradoxo e a ambiguidade presentes no âmago da *ratio* burguesa que, mesmo querendo o tempo todo eliminar o diferente para se perpetuar, este continua atuante em seu conceito e em sua história, mesmo que a contrapelo, como uma denúncia.

3 O não-idêntico é aquilo que o sistema e, por sua vez, o conceito reprimem, desprezam, rejeitam

O não-idêntico não se expressa apenas no categorial, na desproporção entre aquilo que o conceito diz ser e o que, de fato, ele o é. O não-idêntico é, antes de tudo, o homem real, histórico, concreto que não comunga de nossa familiaridade, que não é um dos nossos.

No aforismo “O interesse da filosofia”, o autor apresenta o trabalho da autorreflexão filosófica como se fosse um “destrinchar o paradoxo de que é preciso dizer com conceitos aquilo que não pode ser dito”. A experiência filosófica em sua plenitude se expressa no fato de que “o conceito pode ultrapassar o conceito [...] e assim aproximar-se do não-conceitual”. E essa atitude antinômica, de um lado, denota a confiança extrema que a filosofia tem em seu instrumento de trabalho, de investigação, que é o conceito; sem essa atitude radical, o espírito deixaria de ser ele mesmo, se capitularia, perderia sua dignidade; ao mesmo tempo deixa entrever a “ingenuidade de que a filosofia padece”, de querer atingir o não-conceitual com conceitos, de buscar ir sempre além de si mesma, de, à semelhança dos nostálgicos românticos alemães, aspirar ao infinito (cf. ADORNO, 2009). No mesmo aforismo, porém, Adorno nos mostra o lado perverso do ato de conceituar: o entendimento, pela sua própria estrutura espiritual, ao alcançar, por meio de si mesmo, o objeto, não consegue captá-lo em sua dimensão histórica, concreta, particular; e, portanto, o reprime, pois o atinge apenas em sua dimensão abstrata; o despreza, pois lhe nega a especificidade, generalizando-o; o rejeita, transformando-o em um similar entre milhares de outros. Mas, na tensão entre o que o sujeito que conceitua faz e o que ele poderia fazer, o frankfurtiano mantém sempre a esperança de que o negativo, encarado frente a frente, se transforme na expressão de seu contrário (cf. ADORNO, 1992). Termina assim o aforismo: “A utopia do conhecimento seria abrir o não-conceitual com conceitos, sem equipará-lo a esses conceitos” (2009, p. 17), sem torná-los iguais.

Por outro lado, no aforismo “A dialética não é nenhum ponto de vista”, em que caracteriza tal metodologia como a consciência consequente da não-identidade entre o conceito e seu objeto, o pensador afirma:

O que é diferenciado aparece como divergente, dissonante, negativo, até o momento em que a consciência, segundo sua própria formação, se vê impelida a impor unidade: até o momento em que ela passa a avaliar o que não lhe é idêntico a partir de sua pretensão de totalidade (ADORNO, 2009, p. 13).

A *ratio*, como que instintivamente, como um animal famélico, quer reduzir tudo o que é diferente, específico, ao uno, ao *totum*, pois o que lhe é alheio causa-lhe temor, preocupação. No entanto, o “*totum* é o totem” (idem, ibidem, p. 313).

O não-idêntico é, pois, aquilo que o conceito reprime, despreza, rejeita. É também aquele que se nos apresenta como estranho, proscrito, alienado. É o não-eu, o outro, o inferior. Adorno, ao analisar as categorias de raiz, de origem, mostra que elas estão associadas com a dominação; uma pessoa se confirma como primeira porque estava aí antes de o outro chegar: a categoria de autóctone em face do imigrado, do estrangeiro; do sedentário em face do cigano (cf. 2009, p. 135). Nos “Elementos do Antissemitismo”, escrito com Horkheimer e publicado em 1947, destaca-se a necessidade de se analisar o conteúdo da idiosincrasia e de tomar consciência do absurdo nele contido. Dizem Adorno e Horkheimer (1985, p. 149): “tudo o que não se ajustou inteiramente ou que fira os interditos em que se sedimentou o progresso secular tem um efeito irritante e provoca uma repugnância compulsiva”. Utilizamos muitas vezes no dia-a-dia uma expressão idiosincrática: aquela pessoa é esquisita; tem um jeito de ser estúrdio, diferente! E duas páginas à frente, continuam os frankfurtianos: “os proscritos despertam o desejo de proscrever. No sinal que a violência deixou neles inflama-se sem cessar a violência. Deve-se exterminar aquilo que se contenta em vegetar” (ibidem, p. 151). Ou seja, o escolhido como inimigo é percebido como inimigo. A fé fanática na religião ou na torcida de futebol continua a nutrir o ódio pelos que não partilham da mesma fé. O preconceito, a estereotipia atinge de tal maneira o juízo do fanático que ele não tem condições de exercer a sua função de discernimento e crítica com serenidade e isenção de ânimo.

No final do aforismo “Mediação por meio da objetividade” (ADORNO, 2009, p. 149), o filósofo aproxima a teoria da alienação do conceito de não-idêntico. Este se nos apresenta como aquele que habita um mundo que não é o nosso; é o estrangeiro. E o sujeito dominante, insatisfeito, porque não tem o controle sobre o estranho, que se lhe escapa, por sua idiosincrasia e esquisitice, aguça a avidez de incorporação, de perseguição. E finaliza o fragmento com uma lapidar constatação: “Se o alheio não mais fosse perseguido, dificilmente continuaria a haver alienação”. Se o outro fosse respeitado por aquilo que ele é, do jei-

to que ele é, certamente estaríamos construindo uma sociedade mais justa, menos desumana.

Constatação similar desenvolverá o autor no aforismo “Sobre a dialética da identidade”, ao analisar o parentesco entre o princípio de troca e o princípio de identificação – o primeiro por reduzir toda mercadoria ao conceito abstrato de tempo médio de trabalho; o segundo por identificar o conceito, que é universal, abstrato, ao objeto, real, histórico. Tal como o idealismo enquanto sistema tende a enquadrar todas as manifestações do espírito em seu interior, para ostentar sua autarquia e para não perder o controle, também o sistema capitalista tende a reduzir tudo à mercadoria, até as manifestações espirituais e culturais, pois assim ele se mantém senhor do mundo. E após analisar a falsidade do princípio de troca, pois troca o desigual como se fosse igual, lança-o contra o seu passado para ressaltar que ele, mesmo sendo o que é, representa um ponto avançado na história das relações de produção dos homens; e sua negação pura e simples representaria um retrocesso. Mas não para por aí. O princípio de troca é também uma promessa e tem que ser confrontado com seu amanhã. Quando se faz a crítica à mercadoria como troca do igual que, no entanto, é desigual, como troca “da desigualdade na igualdade”, busca-se simultaneamente, mesmo sem o dizer, a realização de um ideal de troca livre e justa, que é impossível no interior do sistema capitalista. Nessa perspectiva, o princípio de troca é irrequieto; foi-se constituindo genealogicamente através dos tempos; está em plena maturidade no sistema capitalista; tornou-se ainda mais universal em tempos de tecnologias digitais; mas continua carregando dentro de si a promessa de troca livre e justa, alimentando a ideia da luta coletiva dos homens por um novo tipo de sociedade. É utopia; é possibilidade, mesmo que distante; é direção; é o chão materialista de Adorno nos entremeios da negatividade de sua dialética; é a perspectiva de a dialética negativa ser superada e de se realizar a síntese tão desejada. E então, ao final da análise do princípio de troca, explode a expressão profética: “Se não mais se retivesse, de nenhum homem, uma parte de seu trabalho e, com ele uma parte de sua vida, então a identidade racional seria alcançada e a sociedade estaria para além do pensamento identificador” (ADORNO, 2009, p. 128).

4 A frieza, o princípio fundamental da subjetividade burguesa sem a qual Auschwitz não teria sido possível

No início de nossa exposição, destacamos as duas principais manifestações da barbárie contemporânea para Theodor Adorno: as atitudes de ódio, de conflitos e a indiferença, a frieza burguesa. As atitudes de ódio, de conflitos se nos apresentam mais diretamente como bárbaras. É o que vemos cotidianamen-

te nas telas dos noticiários. Em relação a elas, só uma ligeira informação. Sob o título “Barômetros de conflitos”, o Instituto de Heidelberg de Pesquisa Internacional de Conflitos apresentou resultados assustadores dos choques mais violentos no mundo; os números de conflitos violentos e guerras de 2011 foram os mais altos desde 1945. Os pesquisadores contaram 20 guerras e 166 conflitos desenvolvidos de forma violenta. E o instituto alemão projeta um acréscimo para este ano. No ano de 2010 haviam sido registrados seis guerras e 161 conflitos violentos. Em 2011, o Oriente Médio e a África foram os principais celeiros de conflitos. Três novas guerras, relacionadas com a Primavera Árabe, eclodiram: no Iêmen, na Síria e na Líbia. Houve ainda um acirramento dos conflitos já existentes na Nigéria e no Sudão¹. Essas são as atitudes de ódio e de violência que mais nos chocam no cotidiano e que, ao mesmo tempo, já nos familiarizamos com elas, pois estão distantes de nós, não nos tocam diretamente. Horrorizamos-nos com as notícias que as mídias nos trazem e, ao mesmo tempo, reafirmamos a ordem, a cordialidade, a atmosfera pacífica de nosso país. Mas, e as atitudes de indiferença, de frieza em relação ao outro, embora mais sutis, disfarçadas, não geram situações ainda mais violentas?

Adorno expõe as consequências funestas da indiferença e da frieza em diversos escritos tanto filosóficos e estéticos como educacionais. Vou examinar essa questão em dois deles, no ensaio “Educação após Auschwitz”, de 1965 e no aforismo “Depois de Auschwitz”, da *Dialética negativa*, de 1966.

“Educação após Auschwitz” foi apresentada inicialmente como uma palestra transmitida no dia 18 de abril de 1965 na Rádio de Hessen. A expressão “depois de Auschwitz”, em forma de um estigma pungente, é tratada no ensaio sob o prisma da formação cultural. O pensador, tendo em vista os acontecimentos bárbaros de seu povo contra seu próprio povo e observando o tipo de educação que as famílias e as escolas propiciavam às crianças e jovens, “a educação pela dureza”, classifica-a como “basicamente errada” e orienta os indivíduos e os coletivos a tomar consciência desse processo, a não fomentar uma formação que priorize a dor e a capacidade de suportá-la, pois, para ele, aquele que é “duro contra si mesmo adquire o direito de sê-lo contra os demais e se vinga da dor que não teve a liberdade de demonstrar, que precisou reprimir” (ADORNO, 1986a, p. 39).

A questão da frieza burguesa surge de maneira clara e direta: “Se os homens não fossem [...] profundamente indiferentes ao que acontece com todos os demais [...], então Auschwitz não teria sido possível, pois as pessoas não o teriam aceito” (idem, ibidem, p. 42-43). Adorno justifica essa incisiva afirmativa com base em duas considerações: 1) as pessoas se importam

1 Disponível em: <<http://noticias.gospelprime.com.br/numero-de-guerras-no-mundo-triplicou-em-2011/>>. Acesso em: 01-03-2012.

apenas com aqueles aos quais se sentem ligadas por laços sanguíneos e/ou afetivos, os mais próximos; 2) a estrutura da sociedade burguesa não se fundamenta “na atração entre os homens”, como pensava Aristóteles em sua *Política*, mas sim “na busca do interesse próprio de cada um contra os interesses de todos os outros” (ibidem, p. 42-43).

Para o frankfurtiano, Hobbes, Freud e outros têm razão. E caracteriza a frieza entre os indivíduos e, também, entre as “mônadas sociais” (os grupos, os gêneros, as classes, os povos, os coletivos, de maneira geral) como “uma regra geral de sobrevivência”. Os indivíduos e os coletivos protegem antes de tudo os próprios interesses para não correr risco algum de perdê-los em uma sociedade imanentemente competitiva e conflitiva. E a indiferença pelo outro, tanto dos indivíduos isolados como dos coletivos que se protegem, geram o silêncio frente ao terror. A expressão é deveras pesada: “o silêncio frente ao terror”! O calar-se frente às injustiças contra o outro! Diz o pensador: “A frieza das mônadas sociais, do concorrente isolado, foi como indiferença ao destino dos outros, a condição para que bem poucos tivessem se agitado” (ibidem, p. 43). Por que eu vou delatar uma injustiça social, a perseguição a um inocente, se isso pode me prejudicar profissional ou socialmente? É o silêncio diante da barbárie como resultado da indiferença para com o outro!

E aqui acontece uma coisa inusitada em escritos de Adorno. Ele, que sempre se preocupou com a teoria, com a reflexão, com os princípios, se surpreende apresentando orientações sobre o que fazer; mas não titubeia e continua:

Não me entendam mal. Não estou pregando o amor. Cultivá-lo me parece esforço vão; a ninguém caberia o direito de pregá-lo, porque a falta de amor hoje [...] é uma falha de todos, sem exceção. [...] Foi um dos maiores impulsos do cristianismo [...] o de eliminar a frieza que em tudo penetra. Mas a experiência fracassou; possivelmente porque não atingiu a ordem social que produz e reproduz a frieza (ADORNO, 1986a, 43).

E, como um bom kantiano que é, retoma o pressuposto iluminista de voltar-se ao sujeito, como um dos instrumentos imprescindíveis na conscientização da indiferença e dos motivos que a ela levaram. Defende sua posição reafirmando que, embora o esclarecimento não atinja diretamente o mecanismo inconsciente do indivíduo, pode ajudá-lo na criação de um clima desfavorável aos extremismos (cf. ADORNO, 1986a).

Na *Dialética negativa*, no terceiro modelo da parte III, “Meditações sobre a Metafísica”, em seu primeiro aforismo, intitulado “Depois de Auschwitz”, a questão da frieza burguesa, aqui tratada filosoficamente, é retomada com toda sua pujança. Cito:

O sofrimento perenizante tem tanto direito à expressão quanto o martirizado tem de berrar; por isso, é bem provável que tenha sido falso afirmar que depois de Auschwitz não é mais possível escrever nenhum poema. Todavia, não é falsa a questão menos cultural de saber se ainda é possível viver depois de Auschwitz, se aquele que por acaso escapou quando deveria ter sido assassinado tem plenamente o direito à vida. Sua sobrevivência necessita já daquela frieza que é o princípio fundamental da subjetividade burguesa e sem a qual Auschwitz não teria sido possível: culpa drástica daquele que foi poupado (ADORNO, 2009, p. 300).

Para o frankfurtiano, persiste a sensação de que, depois de Auschwitz, toda afirmação de positividade da existência é um ato de injustiça contra as vítimas do *Progom*. Ele se utiliza dessa argumentação porque, enquanto judeu que é, continua sentindo na pele a dor contínua pelo que aconteceu com os seus idênticos? Certamente que sim; mas também porque, apesar do que aconteceu, a frieza burguesa, a indiferença pelo não-idêntico, continua alimentando o esquecimento das tragédias e preparando condições para que outras aconteçam. É categórica a afirmativa de que a frieza é princípio fundamental da subjetividade burguesa, subjetividade essa que o senso comum – as novelas, os noticiários, enfim, a indústria cultural –, mas também a escola, a igreja, os sindicatos, as políticas ajudam a construir, “sem violência”, progressiva e intensivamente, no dia a dia, em cada um de nós. Adorno retoma aqui a terrível constatação já feita no ensaio educacional homônimo: sem essa frieza “Auschwitz não teria sido possível”. Auschwitz, o protótipo do genocídio, do holocausto, do *Progom*, uma das barbáries paradigmáticas da luta histórica do homem contra o homem, só foi possível pela indiferença de um povo em relação a outro, de uma pessoa em relação à outra. No ensaio educacional “Teoria da semiformação” (de 1959), Adorno já havia exposto as manifestações de indiferença dos dirigentes e executores do extermínio nos campos de concentração. Dizia ele: “Max Frisch observou que havia pessoas que se dedicavam, com paixão e compreensão, aos chamados bens culturais, e, no entanto, puderam encarregar-se tranquilamente da práxis assassina do nacional-socialismo” (ADORNO, 2010, p. 10). E neste aforismo da *Dialética negativa*, “Depois de Auschwitz”, retoma o sarcasmo e a indiferença desses mesmos exterminadores:

O que os sádicos diziam às suas vítimas nos campos de concentração, ‘Amanhã você vai sair como fumaça por essa chaminé e se mover em espirais em direção ao céu’, designa a indiferença da vida de todo indivíduo, uma indiferença para a qual se dirige toda a história (ADORNO, 2009, p. 300).

Nessa citação, Adorno agrega uma nova conotação ao conceito de frieza burguesa. A atitude dos sádicos de Auschwitz caracteriza a “indiferença da vida de todo indivíduo, uma indiferença para a qual se dirige toda a história”. Ou seja, a atitude bárbara dos sádicos de Auschwitz, que nos horroriza, é-nos por demais familiar, pois se faz presente continuamente em nossa vida, é um *principium* que norteia a história das nações, das classes, dos gêneros, dos indivíduos construtores desta sociedade capitalista globalizada. Na análise, transformamo-nos em expectador dos acontecimentos, das desgraças dos não-idênticos. Expectador: o que olha, observa, acompanha, mas não se move, não se toca, não se envolve. Enquanto expectador, o indivíduo oscila entre a ataraxia involuntária e o embrutecimento. A ataraxia involuntária é diferente da ataraxia estoica, pois esta era resultado de uma ascese espiritual, de um domínio das paixões. A ataraxia involuntária é, a contrapelo, resultado de um ser dominado pelo sentimento de impotência, de medo, de covardia; uma indiferença consentida. Diz o frankfurtiano: “As duas coisas – a ataraxia involuntária e o embrutecimento – são vida falsa” (ADORNO, 2009, p. 301).

A expressão “depois de Auschwitz”, como um pesadelo profundamente inquietante, se manifesta na filosofia negativa de Adorno em diversos momentos e sempre de forma pungente. Acima fizemos referência ao aforismo da *Dialética negativa*, “Depois de Auschwitz”, que é de 1966. Mas já em 1949, poucos anos após o acontecido, no ensaio “Crítica cultural e sociedade”, em que o autor questiona os críticos profissionais da cultura na Alemanha de sua época e, em contraposição à chamada crítica cultural, externa e ideológica, propõe uma crítica dialética, imanente, ao final do ensaio retoma a relação da cultura com a barbárie, presente na expressão “depois de Auschwitz”. Diz ele:

A crítica cultural defronta-se com o último degrau da dialética entre cultura e barbárie: é barbárie escrever um poema depois de Auschwitz, e isso também corrói o conhecimento que afirma por que hoje se tornou impossível escrever poemas. Enquanto o espírito crítico permanecer em si mesmo, em autossuficiente contemplação, ele não será capaz de enfrentar a absoluta reificação que, entre os seus pressupostos, teve o progresso do espírito como um dos seus elementos e que hoje se prepara para sugá-lo completamente (ADORNO, 1986c, p. 91).

No pequeno ensaio de 1967, “A arte é alegre”, publicado no IV livro das *Notas de literatura*, volta o filósofo a fazer tristes referências à expressão “depois de Auschwitz”. O judeu, angustiado, continua a debater consigo mesmo se é possível a arte – enquanto “crítica da feroz seriedade que a realidade impõe aos seres humanos” e, ao mesmo tempo, “*promesse de bonheur*”,

utopia de uma nova realidade – ser alegre depois do que aconteceu em Auschwitz. Argumenta ele:

A arte, que não é mais possível se não for reflexiva, deve renunciar por si mesma a alegria. A isto é forçada pelo que aconteceu recentemente. A afirmativa de que depois de Auschwitz não é mais possível escrever poema, não deve ser cegamente interpretada, mas com certeza depois que Auschwitz se fez possível e que permanece possível no futuro previsível, a alegria despreocupada na arte não é mais concebível. Objetivamente se degenera em cinismo, independente de quanto se apoie na bondade e na compreensão humanas (ADORNO, 2001, p. 15-16).

5 A relação com a tecnologia intensifica, potencializa a frieza burguesa?

Adorno e Horkheimer, no livro *Dialética do esclarecimento*, publicado em 1947, quando exilados nos Estados Unidos, argumentam que a técnica, desde as origens da ciência moderna, foi desenvolvida pela burguesia como resultado de um saber prático, vinculado ao poder e à dominação. Dizem eles:

O saber que é poder não conhece nenhuma barreira, nem na escravização da criatura, nem na complacência em face dos senhores do mundo. Do mesmo modo que está a serviço de todos os fins da economia burguesa na fábrica e no campo de batalha, assim também está à disposição dos empresários, não importa sua origem. [...] A técnica é a essência desse saber, que não visa conceitos e imagens, nem o prazer do discernimento, mas o método, a utilização do trabalho de outros, o capital. [...] O que os homens querem aprender com a natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e aos homens. Nada mais importa. [...] O que importa não é aquela satisfação que, para os homens, se chama “verdade”, mas a *operation*, o procedimento eficaz (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 20).

Para os frankfurtianos, há uma ambiguidade na tecnologia, que não se resume apenas no uso que se faz dela: se é utilizada para o bem ela é eticamente correta; se é utilizada para o mal é falsa. Isso é verdade; mas a ambiguidade se manifesta de maneira incisiva, sobretudo no interior da constituição da tecnologia. Essa constatação pode ser encontrada em pelo menos dois textos desses autores: na *Dialética do esclarecimento*, quando dizem: “no trajeto da mitologia à logística, o pensamento perdeu os elementos de reflexão sobre si mesmo, e hoje a maquinaria mutila os homens mesmo quando os alimenta” (idem, 1986, p. 48). Há uma intencionalidade de precisão e funcionalidade nos aparatos tecnológicos que, mesmo quando utilizados

para minorar a dor dos homens, eles geram frieza, distância e manipulação. E no ensaio “Educação após Auschwitz”, quando Adorno (1986a, p. 41-42) afirma:

A relação com a técnica é tão ambígua quanto aquela, aparentada, com o esporte. Por um lado, cada período produz aqueles tipos de caráter de que necessita socialmente – os chamados tipos de distribuição de energia psíquica. Um mundo como o atual [este ensaio é de 1965], em que a tecnologia ocupa posição-chave, produz pessoas tecnológicas, afinadas com a tecnologia. [...]. Por outro lado, a atual atitude para com a tecnologia contém algo de irracional, patológico, exagerado. Isso está relacionado com o “véu tecnológico”. As pessoas tendem a considerar a tecnologia como algo em si, como fim em si mesmo, como uma força com vida própria, esquecendo-se, porém, que se trata do braço prolongado do homem. Os meios – e a tecnologia é a essência dos meios para a autopreservação da espécie humana – são fetichizados, porque as finalidades – uma existência digna do ser humano – são encobertas e arrancadas do consciente humano.

Na citação acima, a ambiguidade se manifesta particularmente na relação das pessoas com a tecnologia. Adorno nos mostra que a técnica em si deveria ser um meio, um braço prolongado do homem para atingir sua finalidade enquanto ser humano – uma existência digna. Mas reconhece que a técnica em si não existe: o que existe é a técnica como parte dos meios de produção de uma determinada época. E aí ela assume os valores e as virtudes do sistema em determinado momento histórico. Assim, ele se expressou no ensaio “Sobre técnica e humanismo”, escrito em 1953:

Sociedade e técnica se encontram entrelaçadas desde o início da nova era, de tal modo que perguntar sobre a prioridade da economia em relação à técnica ou vice-versa significa o mesmo que perguntar quem nasceu primeiro: o ovo ou a galinha. E, se eu não me engano, a composição interna do trabalho técnico também é afetada por conta desse fato. Os objetivos sociais não são nada alheios àquilo que teriam que considerar. Não estou me referindo ao fato de que, particularmente, os desenvolvimentos tecnológicos mais decisivos de nosso tempo foram imediatamente criados através de uma paradoxal necessidade social, ou seja, a destruição dos meios de vida. Parece-me que a interdependência social vai mais além: a centralização do poder econômico forçou a própria técnica a tomar, de modo unilateral, o rumo de um sentido centralizado, de tal forma que a racionalização dos procedimentos técnicos é mais benéfica à produtividade do trabalho do que aos próprios trabalhadores (ADORNO, 2000, p. 6).

Mas admite Adorno que, apesar da fetichização da técnica na contemporaneidade, ela poderia ser utilizada de maneira a trazer mais benefícios que malefícios aos homens. No ensaio “Capitalismo tardio ou sociedade industrial”, afirma: “Que o braço estendido da humanidade alcance planetas distantes e vazios, mas que ela, em seu próprio planeta, não seja capaz de fundar uma paz duradoura, manifesta o absurdo na direção do qual se movimenta a dialética social” (ADORNO, 1986b, p. 70). O texto é de 1968, quando o homem pisou pela primeira vez na lua.

6 Considerações finais

Se no tempo em que Theodor Adorno produzia suas reflexões sobre a técnica, anos 1940 a 1970, o mundo já estava tão completamente dominado por ela (cf. ADORNO, 1986b), o que pensar da presença da tecnologia em tempos de capitalismo global? A atual sociedade, de acordo com o estágio de suas forças produtivas, caminha velozmente no sentido de se tornar, por completo, uma sociedade digital. Este modelo, que já atingiu quase que integralmente a produção material, por exigências econômicas e ideológicas, avançou em direção às esferas da administração, da distribuição, da cultura, da educação e, cada vez mais, invade a privacidade dos indivíduos, tida anteriormente como sacrossanta: o descanso, a família, a subjetividade, as intimidades. E os nativos digitais, os imigrantes digitais, bem como os avessos aos computadores, intimados pelas novas necessidades geradas pelas tecnologias, têm que se conformar às suas exigências e se modelarem sem reservas a seus mecanismos se quiserem sobreviver, sem riscos, no entremeio das relações sociais vigentes. Não é apenas o lado econômico do sistema que impõe um conformismo controlador aos indivíduos da contemporaneidade; o lado tecnológico também e de forma irresistível.

Se no tempo das tecnologias mecânicas do início da segunda metade do século passado a indiferença, na análise de Theodor Adorno, era como que “o princípio fundamental da subjetividade burguesa”, a direção para onde caminhava toda a história, hoje, com o mundo globalizado no interior de nossos lares, com as tecnologias de informação e comunicação que nos coloca, em tempo real, em contato imediato com os acontecimentos do planeta, o prognóstico do frankfurtiano continua correto? A indiferença burguesa persiste em dirigir a história dos homens da era digital? Infelizmente, parece-me que sim. A relação com as novas tecnologias intensificou, potencializou a frieza burguesa. Mais do que nunca e graças a elas, nos transformamos em expectador dos acontecimentos, das desgraças do outro. Sem dúvida, aumentaram extraordinariamente os ca-

nais que nos transmitem informações, notícias das diferentes partes do mundo. De um lado, nos sentimos tão próximos do não-eu, geograficamente distante e, até pouco tempo, ignorado. De outro lado, os conflitos, os terremotos, as destruições, as cenas de fome e de miséria, acompanhadas de cenas de extorsão e de corrupção, alimentam o nosso final de dia, os noticiários de nossas TVs. Tornamos observadores imparciais, insensíveis, mesmo que curiosos, dos fatos trágicos e dolorosos do não-eu. O sofrimento do não-idêntico visto pelos meios de comunicação se transformou em um acontecimento tão banal, corriqueiro, quanto o encontro com o morador de rua que dorme maltrapilho na calçada da avenida próxima de minha casa: passo, olho e continuo minha caminhada, indiferente a tudo, quando não o maltrato, o humilhação ainda mais; alguns sadomasoquistas chegam até a colocar fogo no mendigo enquanto ele dorme. Foi a frieza burguesa uma das causas de Auschwitz; continua sendo a indiferença para com o outro a causa da criação de outros Auschwitz, como Dadaab, um campo de refugiados criado em 1991 para acolher 90 mil somalis que fugiam da guerra de seu país; hoje vivem no mega-acampamento cerca de 270 mil refugiados africanos; como o massacre de Hama, na Síria, em 1982, em que as forças armadas bombardearam a cidade contra uma sublevação, e estima-se entre 10.000 e 25.000 pessoas mortas na ação militar; a família al-Assad encontra-se no poder há cerca de 40 anos e o país está em estado de emergência, com as garantias constitucionais suspensas, desde 1962. São informações que chegam até nós pela internet, pelos jornais nacionais. E continuamos a oscilar tranquilamente entre a ataraxia involuntária e o embrutecimento.

Termino esta exposição, trazendo a dimensão ética da dialética negativa, com o chamado à responsabilidade social que o judeu Theodor Adorno faz em relação ao não-idêntico. Diz ele, no aforismo “O privilégio da experiência” da *Dialética negativa*:

Cabe àqueles que, em sua formação espiritual, tiveram a felicidade imerecida de não se adaptar completamente às normas vigentes – uma felicidade que eles muito frequentemente perderam em sua relação com o mundo circundante –, expor com um esforço moral, por assim dizer por procuração, aquilo que a maioria daqueles em favor dos quais eles o dizem não consegue ver ou se proíbe de ver por respeito à realidade (ADORNO, 2009, p. 43).

Referências

ADORNO, T. W. Educação após Auschwitz. In: COHN, G. *Theodor W. Adorno: Sociologia*. Trad. de Aldo Onesti. São Paulo: Ática, 1986a, p. 33-45.

_____. Capitalismo tardio ou sociedade industrial? In: COHN, G. *Theodor W. Adorno: Sociologia*. Trad. de Flavio Kothe. São Paulo: Ática, 1986b, p. 62-75.

_____. Crítica Cultural e Sociedade. In: COHN, G. *Theodor W. Adorno: Sociologia*. Trad. de Flávio Kothe. São Paulo: Ática, 1986c, p.76-91.

_____. *Minima Moralia: reflexões a partir da vida danificada*. Tradução de Luiz Eduardo Bicca. São Paulo: Ática, 1992.

_____. *Sobre técnica e humanismo*. Trad. de Antonio Álvaro Soares Zuin. São Carlos: UFSCar, 2010. (Publicação interna.)

_____. A arte é alegre. In: PUCCI, B.; ZUIN, A.; RAMOS de OLIVIERA, N. (org.). *Teoria Crítica, Estética e Educação*. Piracicaba: Editora da Unimep, 2001, p. 11-18.

_____. A Educação contra a barbárie. In: ADORNO, T. W. *Educação e emancipação*. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003, 3ª edição, p. 155-168.

_____. *Dialética negativa*. Trad. de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2009.

_____. Teoria da Semiformação. In: PUCCI, B.; LASTÓRIA, L. A. C. N.; ZUIN, A. A. S. *Teoria crítica e inconformismo: novas perspectivas de pesquisa*. Campinas: Autores Associados, 2010, p. 7-40.

_____; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1985.

_____; HORKHEIMER, M. Elementos do antissemitismo: limites do esclarecimento. In: ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1985, p. 157-194.

TEMAS DOS CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 *A teoria da justiça de John Rawls* – Dr. José Nedel
- N. 02 *O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas* – Dra. Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – MS Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 *O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo* – Jornalista Sonia Montañó
- N. 04 *Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular* – Prof. Dr. Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 *O ruído de guerra e o silêncio de Deus* – Dr. Manfred Zeuch
- N. 06 *BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo* – Prof. Dr. Renato Janine Ribeiro
- N. 07 *Mundos televisivos e sentidos identitários na TV* – Profa. Dra. Suzana Kilpp
- N. 08 *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho* – Profa. Dra. Márcia Lopes Duarte
- N. 09 *Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada* – Prof. Dr. Valério Cruz Brittos
- N. 10 *Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo* – Prof. Dr. Édison Luis Gastaldo
- N. 11 *Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz* – Profa. Dra. Márcia Tiburi
- N. 12 *A domesticação do exótico* – Profa. Dra. Paula Caleffi
- N. 13 *Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular* – Profa. Dra. Edla Eggert
- N. 14 *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS* – Prof. Dr. Gunter Axt
- N. 15 *Medicina social: um instrumento para denúncia* – Profa. Dra. Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 *Mudanças de significado da tatuagem contemporânea* – Profa. Dra. Débora Kriskche Leitão
- N. 17 *As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade* – Prof. Dr. Mário Maestri
- N. 18 *Um itinerário do pensamento de Edgar Morin* – Profa. Dra. Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 *Os donos do Poder, de Raymundo Faoro* – Profa. Dra. Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 *Sobre técnica e humanismo* – Prof. Dr. Oswaldo Giacóia Junior
- N. 21 *Construindo novos caminhos para a intervenção societária* – Profa. Dra. Lucilda Selli
- N. 22 *Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial* – Prof. Dr. Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 *Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático* – Prof. Dr. Valério Rohden
- N. 24 *Imagens da exclusão no cinema nacional* – Profa. Dra. Miriam Rossini
- N. 25 *A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação* – Profa. Dra. Nísia Martins do Rosário
- N. 26 *O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS* – MS Rosa Maria Serra Bavaresco
- N. 27 *O modo de objetivação jornalística* – Profa. Dra. Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 *A cidade afetada pela cultura digital* – Prof. Dr. Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 *Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS* – Prof. MS José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 *Getúlio, romance ou biografia?* – Prof. Dr. Juremir Machado da Silva
- N. 31 *A crise e o êxodo da sociedade salarial* – Prof. Dr. André Gorz
- N. 32 *À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades* – Prof. Dr. André Sidnei Musskopf
- N. 33 *O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações* – Prof. MS Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 *O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos* – Prof. Dr. Marco Aurélio Santana
- N. 35 *Adam Smith: filósofo e economista* – Profa. Dra. Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos
- N. 36 *Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica* – Prof. Dr. Airton Luiz Jungblut
- N. 37 *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes* – Prof. Dr. Fernando Ferrari Filho
- N. 38 *Rosa Egipcíaca: Uma Santa Africana no Brasil Colonial* – Prof. Dr. Luiz Mott.
- N. 39 *Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo* – Prof. Dr. Gentil Corazza
- N. 40 *Corpo e Agenda na Revista Feminina* – MS Adriana Braga
- N. 41 *A (anti)filosofia de Karl Marx* – Profa. Dra. Leda Maria Paulani
- N. 42 *Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa”* – Prof. Dr. Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 *Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica* – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva & Samuel McGinity
- N. 44 *Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistêmica de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo* – Prof. Dr. Gérard Donnadieu
- N. 45 *A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica* – Prof. Dr. Lothar Schäfer
- N. 46 *“Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missioneiro no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju* – Profa. Dra. Ceres Karam Brum

- N. 47 *O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter* – Prof. Dr. Achyles Barcelos da Costa
- N. 48 *Religião e elo social. O caso do cristianismo* – Prof. Dr. Gérard Donnadiu
- N. 49 *Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo* – Prof. Dr. Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 *Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras* – Prof. Dr. Evilázio Teixeira
- N. 51 *Violências: O olhar da saúde coletiva* – Élda Azevedo Hennington & Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 *Ética e emoções morais – Prof. Dr. Thomas Kesselring* *Juizados ou emoções: de quem é a primazia na moral?* – Prof. Dr. Adriano Naves de Brito
- N. 53 *Computação Quântica. Desafios para o Século XXI* – Prof. Dr. Fernando Haas
- N. 54 *Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil* – Profa. Dra. An Vranckx
- N. 55 *Terra habitável: o grande desafio para a humanidade* – Prof. Dr. Gilberto Dupas
- N. 56 *O decrescimento como condição de uma sociedade convívial* – Prof. Dr. Serge Latouche
- N. 57 *A natureza da natureza: auto-organização e caos* – Prof. Dr. Günter Küppers
- N. 58 *Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades* – Dra. Hazel Henderson
- N. 59 *Globalização – mas como?* – Profa. Dra. Karen Gloy
- N. 60 *A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida* – MS Cesar Sanson
- N. 61 *Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Érico Veríssimo* – Profa. Dra. Regina Zilberman
- N. 62 *Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história* – Prof. Dr. Fernando Lang da Silveira e Prof. Dr. Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 *Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude* – Cátia Andressa da Silva
- N. 64 *Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo* – Prof. Dr. Artur Cesar Isaia
- N. 65 *Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical* – Profa. Dra. Léa Freitas Perez
- N. 66 *Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675)* – Profa. Dra. Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 *Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa* – Prof. Dr. João Guilherme Barone
- N. 68 *Contingência nas ciências físicas* – Prof. Dr. Fernando Haas
- N. 69 *A cosmologia de Newton* – Prof. Dr. Ney Lemke
- N. 70 *Física Moderna e o paradoxo de Zenon* – Prof. Dr. Fernando Haas
- N. 71 *O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade* – Profa. Dra. Miriam de Souza Rossini
- N. 72 *Da religião e de juventude: modulações e articulações* – Profa. Dra. Léa Freitas Perez
- N. 73 *Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa* – Prof. Dr. Eduardo F. Coutinho
- N. 74 *Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho* – Prof. Dr. Mário Maestri
- N. 75 *A Geologia Arqueológica na Unisinos* – Prof. MS Carlos Henrique Nowatzki
- N. 76 *Campepinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto* – Profa. Dra. Ana Maria Lugão Rios
- N. 77 *Progresso: como mito ou ideologia* – Prof. Dr. Gilberto Dupas
- N. 78 *Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda* – Prof. Dr. Octavio A. C. Conceição
- N. 79 *Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul* – Prof. Dr. Moacyr Flores
- N. 80 *Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território* – Prof. Dr. Arno Alvarez Kern
- N. 81 *Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula* – Profa. Dra. Gláucia de Souza
- N. 82 *Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de "sindicalismo populista" em questão* – Prof. Dr. Marco Aurélio Santana
- N. 83 *Dimensões normativas da Bioética* – Prof. Dr. Alfredo Culleton & Prof. Dr. Vicente de Paulo Barretto
- N. 84 *A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza* – Prof. Dr. Attico Chassot
- N. 85 *Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo* – Profa. Dra. Patrícia Almeida Ashley
- N. 86 *Autonomia na pós-modernidade: um delírio?* – Prof. Dr. Mario Fleig
- N. 87 *Gauchismo, tradição e Tradicionalismo* – Profa. Dra. Maria Eunice Maciel
- N. 88 *A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz* – Prof. Dr. Marcelo Perine
- N. 89 *Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade* – Prof. Dr. Laurício Neumann
- N. 90 *Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida* – Profa. Dra. Maria Cristina Bohn Martins
- N. 91 *Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo* – Prof. Dr. Franklin Leopoldo e Silva
- N. 92 *Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática* – Daiane Martins Bocasanta
- N. 93 *A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro* – Prof. Dr. Carlos Alberto Steil
- N. 94 *Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos* – MS Cesar Sanson
- N. 95 *De volta para o futuro: os precursores da nanotecnologia* – Prof. Dr. Peter A. Schulz
- N. 96 *Vianna Moog como intérprete do Brasil* – MS Enildo de Moura Carvalho
- N. 97 *A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica* – Profa. Dra. Marinês Andrea Kunz
- N. 98 *Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões* – MS Susana Maria Rocca Larrosa
- N. 99 *Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house* – Dra. Vanessa Andrade Pereira
- N. 100 *Autonomia do sujeito moral em Kant* – Prof. Dr. Valério Rohden
- N. 101 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1* – Prof. Dr. Roberto Camps Moraes

- N. 102 *Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência* – MS Adriano Premebida
- N. 103 *ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso* – Profa. Dra. Eliane Schlemmer
- N. 104 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2* – Prof. Dr. Roberto Camps Moraes
- N. 105 *Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas* – Prof. MS Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 *Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos* – Profa. Dra. Paula Corrêa Henning
- N. 107 *Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine* – Profa. Dra. Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 *Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático?* – Prof. Dr. Telmo Adams
- N. 109 *Transumanismo e nanotecnologia molecular* – Prof. Dr. Celso Candido de Azambuja
- N. 110 *Formação e trabalho em narrativas* – Prof. Dr. Leandro R. Pinheiro
- N. 111 *Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul* – Prof. Dr. Mário Maestri
- N. 112 *A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda* – Denis Gerson Simões
- N. 113 *Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra* – Esp. Yentl Delanhesi
- N. 114 *SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro* – MS Sonia Montañó
- N. 115 *Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites* – Prof. MS Carlos Daniel Baioto
- N. 116 *Humanizar o humano* – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 *Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião* – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 *Colonizando e descolonizando mentes* – Marcelo Dascal
- N. 119 *A espiritualidade como fator de proteção na adolescência* – Luciana F. Marques & Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 *A dimensão coletiva da liderança* – Patrícia Martins Fagundes Cabral & Nedio Seminotti
- N. 121 *Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos* – Eduardo R. Cruz
- N. 122 *Direito das minorias e Direito à diferenciação* – José Rogério Lopes
- N. 123 *Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios* – Wilson Engelmann
- N. 124 *Desejo e violência* – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 *As nanotecnologias no ensino* – Solange Binotto Fagan
- N. 126 *Câmara Cascudo: um historiador católico* – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 *O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel*
- N. 128 *Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética* – Ingo Wolfgang Sarlet & Selma Rodrigues Pettele
- N. 129 *Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida* – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 *Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável* – Paulo Roberto Martins
- N. 131 *A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária* – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 *Linguagem, singularidade e atividade de trabalho* – Marlene Teixeira & Éderson de Oliveira Cabral
- N. 133 *A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Niklass Luhmann* – Leonardo Grison
- N. 134 *Motores Biomoleculares* – Ney Lemke & Luciano Hennemann
- N. 135 *As redes e a construção de espaços sociais na digitalização* – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 *De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras* – Rodrigo Marques Leistner
- N. 137 *Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstruem suas vidas* – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 *As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 139 *Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades* – Marise Borba da Silva
- N. 140 *Platão e os Guarani* – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 *Direitos humanos na mídia brasileira* – Diego Airoso da Motta
- N. 142 *Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio* – Greyce Vargas
- N. 143 *Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito* – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 *Inclusão e Biopolítica* – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge & Viviane Klaus
- N. 145 *Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente* – Bianca Sordi Stock
- N. 146 *Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD* – Camila Moreno
- N. 147 *O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais* – Caetano Sordi
- N. 148 *Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS* – Fernanda Schutz
- N. 149 *Cidadania, autonomia e renda básica* – Josué Pereira da Silva
- N. 150 *Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética* – José Rogério Lopes
- N. 151 *As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 *Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou "por que voltar ao México 100 anos depois"* – Claudia Wasserman

- N. 153 *Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate* – Stefano Zamagni
- N. 154 *Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'yikue no município de Caarapó-MS* – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 *Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica* – Stefano Zamagni
- N. 156 *Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva* – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 *Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento* – Stefano Zamagni
- N. 158 *"Passemos para a outra margem": da homofobia ao respeito à diversidade* – Omar Lucas Perrout Fortes de Sales
- N. 159 *A ética católica e o espírito do capitalismo* – Stefano Zamagni
- N. 160 *O Slow Food e novos princípios para o mercado* – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 *O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião* – André Brainer de Farias
- N. 162 *O modus operandi das políticas econômicas keynesianas* – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 *Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas* – André Luiz da Silva
- N. 164 *Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich?* – Serge Latouche
- N. 165 *Agostos! A "Crise da Legalidade": vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre* – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 *Convivialidade e decrescimento* – Serge Latouche
- N. 167 *O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luís do Paraitinga-SP* – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 *O decrescimento e o sagrado* – Serge Latouche
- N. 169 *A busca de um ethos planetário* – Leonardo Boff
- N. 170 *O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo* – Marco Antonio de Abreu Scapini
- N. 171 *Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes* – Gerson Egas Severo



Bruno Pucci é graduado em Teologia pela Pontifícia Universidade de São Tomás de Aquino (1966), Roma, em Filosofia pela Organização Mogiana de Ensino e Cultura (1970), em Letras (hab. Português Literatura) pela Universidade Metodista de Piracicaba (1974), mestre em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (1976) e doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP, 1982). É livre-docente pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar,

1992), onde foi professor titular e se aposentou em 1996. Atualmente é professor titular da Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep), tendo experiência na área de Educação, com ênfase em Filosofia da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: teoria crítica e educação, estética e educação, novas tecnologias e educação.

Algumas publicações do autor

PUCCI, B.; ZUIN, A. A. S.; LASTÓRIA, L. A. C. N. (org.). *Teoria crítica e inconformismo: novas perspectivas de pesquisa*. Campinas: Autores Associados, 2010.

_____; ALMEIDA, Jorge de; LASTÓRIA, Luiz Antonio Calmon Nabuco (org.). *Experiência formativa & emancipação*. São Paulo: Nankin, 2009.

_____; ZAMORA, José Antonio; MOREIRA, Alberto da Silva (org.). *Adorno, educação e religião*. Goiânia: Editora da Univ. Católica de Goiás, 2008.

_____; ZUIN, Antônio A Soares; RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton. *Adorno: o poder educativo do pensamento crítico*. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____; GORGEN, Pedro; FRANCO, Renato Bueno (org.). *Dialética negativa, estética e educação*. Campinas: Alínea, 2007.

_____; ZUIN, Antônio Álvaro Soares; COSTA, Belarmino César da (org.). *Teoria crítica e educação: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt*. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____; ZUIN, Antônio Álvaro Soares (org.); RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton (org.). *Ensaio frankfurtiano*. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. (org.). *Teoria crítica e educação: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt*. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____; LASTÓRIA, Luiz Antônio Calmon Nabuco; COSTA, Belarmino Cesar Guimarães da (org.). *Tecnologia, cultura e formação ... ainda Auschwitz*. São Paulo: Cortez, 2003.

_____; ZUIN, Antonio Alvaro Soares; RAMOS DE OLIVEIRA, Newton. *Adorno: o poder educativo do pensamento crítico*. Petrópolis: Vozes, 2001.